

EUA apoiarão o país hoje no FMI

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — O programa de ajuste do Brasil, item principal da reunião da diretoria executiva do Fundo Monetário Internacional (FMI) esta tarde, foi publicamente elogiado ontem por um alto funcionário do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos. Segundo ele, o Governo americano — que é acionista majoritário do FMI — apóia o plano brasileiro e está certo de sua aprovação hoje.

Assim que ela for efetivada, no início da noite, o país obterá um financiamento de cerca de US\$ 2 bilhões do FMI, para complementar seu projeto de estabilização nos próximos 20 meses.

— O programa é bom e a atual equipe econômica é muito eficiente. Nossa expectativa é a de que o presidente Collor continue a dar o apoio político necessário ao ministro Márcilio Marques Moreira, para que sua estratégia possa ser cumprida — disse o subsecretário assistente do Tesouro para os Países em Desenvolvimento, James H. Fall III.

A função específica de Fall e sua equipe é fornecer ao Tesouro recomendações e análises sobre dívida, serviços financeiros e desenvolvimento econômico

dos países do terceiro mundo. Ao representar o Governo americano numa mesa redonda ontem de manhã, na inauguração do Institute of Brazilian Business and Public Management Issues, da George Washington University, Fall disse que o caso brasileiro passaria tranquilamente esta tarde.

O otimismo era evidente. Num rara demonstração de satisfação, o diretor-executivo do Brasil no FMI, Alexandre Kafka, deixaria transparecer, à tarde, que não havia mais barreiras. Habitualmente reservado, avesso a entrevistas, Kafka se permitiria fazer o que definiu como uma confidência ao GLOBO:

— Está tudo certo. A carta de intenções será aprovada.

O embaixador do Brasil em Washington, Rubens Ricupero, também estava confiante. Para autoridades financeiras, acadêmicos e investidores, presentes ao seminário organizado pela George Washington University, ele afirmou que a carta seria aprovada hoje. Pouco mais tarde, quando lhe perguntaram se de fato não havia mais empecilhos, ele foi contundente:

— Se houvesse problema não teria afirmado que o acordo será aprovado. Diria só que é possível. Mas não é o caso: afirmo que será e assino em baixo.